

# B.K. BORISON

AUTORA DE *Um namorado de Natal*

“Um vício delicioso de fim de verão.”

– CHLOE LIESE, AUTORA DE  
*DOIS ERROS, UM ACERTO*



VERUS  
EDITORA



# UM NAMORO DE MENTIRINHA

SÉRIE LOVELIGHT

**B.K. BORISON**

**UM NAMORO  
DE MENTIRINHA**

**Tradução**

Carolina Candido

1ª edição

---

Rio de Janeiro-RJ / São Paulo-SP, 2024



VERUS  
EDITORA



**Outros livros de B.K. Borison**

---

*Um namorado de Natal*  
*Um amor de cidade pequena*

**Título original** *Mixed Signals – Lovelight Series* ISBN: 978-65-5924-355-6

Copyright © B.K. Borison, 2022

“Capítulo extra” copyright © B.K. Borison, 2023

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reproduzir em todo ou em parte.  
Edição publicada mediante acordo com Berkley, um selo de Penguin Publishing Group, uma  
divisão de Penguin Random House LLC.

Tradução © Verus Editora, 2024

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta  
obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico  
ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de  
dados sem permissão escrita da editora.

**Verus Editora Ltda.**

Rua Argentina, 171, São Cristóvão, Rio de Janeiro/RJ, 20921-380  
[www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

**B739n**

Borison, B.K.

Um namoro de mentirinha [recurso eletrônico] / B.K. Borison ; tradução Carolina  
Candido. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Verus, 2024.

recurso digital Tradução de: *Mixed signals* Formato: epub Requisitos do sistema: adobe  
digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN 978-65-5924-355-6 (recurso  
eletrônico) 1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Candido, Carolina. II. Título.

**24-93782**

**CDD: 813**



CDU: 82-31(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br) e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: [sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

Para aqueles que se contentam com migalhas:  
vocês merecem o bolo todo.

E para Eliza.

## ⇒ SUMÁRIO ⇐

CAPÍTULO 1  
CAPÍTULO 2  
CAPÍTULO 3  
CAPÍTULO 4  
CAPÍTULO 5  
CAPÍTULO 6  
CAPÍTULO 7  
CAPÍTULO 8  
CAPÍTULO 9  
CAPÍTULO 10  
CAPÍTULO 11  
CAPÍTULO 12  
CAPÍTULO 13  
CAPÍTULO 14  
CAPÍTULO 15  
CAPÍTULO 16  
CAPÍTULO 17  
CAPÍTULO 18  
CAPÍTULO 19  
CAPÍTULO 20  
CAPÍTULO 21  
CAPÍTULO 22  
CAPÍTULO 23  
CAPÍTULO 24  
CAPÍTULO 25  
CAPÍTULO 26

## LAYLA

— VOCÊ NÃO é nem um pouco como eu esperava.

Uma declaração ousada vinda do homem esparramado na cadeira à minha frente. Ele atrasou quarenta e cinco minutos para me buscar, perturbou os funcionários do restaurante assim que chegamos, tomou duas doses do — em suas exatas palavras — *uísque mais barato que vocês tiverem* e, por fim, pediu um bife sem se preocupar em perguntar o que eu queria.

— Ah, é? — Embarco na tentativa de conversa. Pode ser que ele não seja tão desagradável quanto parece. Não sei como, mas já vi coisas ainda mais estranhas acontecerem. Como o cara que foi me buscar para jantar de carruagem. — Por quê?

Corto minha sobremesa em quatro pedaços iguais e tento parecer vagamente interessada. Ele arrota no punho fechado e desisto de fazer qualquer esforço.

— Você é mais gata — diz. Seus olhos descem pelo meu pescoço e param ali. — Eu não fazia ideia que você escondia tudo isso. — Ele aponta o garfo na minha direção. — Pela foto do perfil, não dá pra perceber.

Nojento. Enfio outra garfada de maracujá e coco na boca.

— Deve ser por causa de todas aquelas coisas que você cozinha, né? Os doces fazem você ser cheinha nos lugares certos.

Eu nem sei por onde começar.

— Bom, eu tenho uma padaria.

Sou dona de uma pequena padaria que fica no meio de uma fazenda de árvores de Natal a cerca de sessenta e quatro quilômetros a oeste daqui. Também sou sócia da fazenda. Passo meus dias misturando, enrolando, confeitando e embrulhando dentro de uma velha garagem de tratores que minha sócia, Stella, e eu transformamos em uma padaria assim que ela comprou o lugar. Janelas enormes que vão do chão ao teto. Piso de carvalho antigo. Ao longo das paredes,

mesas e sofás formam nichos confortáveis, enfeitados com almofadas e mantas. É o meu lugar favorito no mundo.

Todos os dias, acendo as luzes e arrumo as mesas, me sentindo como se vivesse dentro de um daqueles globos de neve. Até mesmo em pleno verão, quando a umidade é tão intensa que parece que estou andando em gelatina, o calor abafado formando cachos em meu cabelo. Eu amo. Trabalhar na Fazenda Lovelight é a melhor parte do meu dia, e poder trabalhar com meus dois melhores amigos é a cereja do bolo.

Stella cuida da parte operacional do negócio e Beckett mantém tudo crescendo e exuberante como chefe das operações de cultivo. Os dois são carinhosos e amorosos — e estão em relacionamentos com pessoas tão gentis, amáveis e bonitas quanto eles. Fico muito contente por meus amigos estarem felizes, por mais que os relacionamentos tão-fofinhos-que-me-fazem-querer-morrer deles me deem vontade de comer uma bandeja inteira de bolinhos em um ataque de inveja.

Eles têm o tipo de relacionamento dos sonhos. Enquanto isso, eu estou aqui com... Bryce.

Eu nem o reconheci quando ele estacionou em frente à minha casa. Nossa cidade pequena e escondida é difícil de encontrar, e grande parte das pessoas ignora completamente Inglewild a caminho da praia. Quando ele parou o carro na minha garagem, achei que Bryce tinha mandado um Uber para me buscar. Então ele abriu a janela e gritou “E aí, Layla!”, e eu, idiota que sou, me sentei no banco do passageiro.

Deveria ter desistido bem ali. Sei que deveria. Ele tinha um bonequinho de hamster cabeçudo no painel, caramba. Sorte a minha não ter sido assassinada.

Durante todo o caminho pela costa, fiquei olhando para ele, observando. Poderia jurar que a foto dele era de um cara de cabelo escuro e alto, mas...

Ele passa a mão pelo cabelo loiro tingido.

Ainda assim.

Ele deve se achar tão sexy sentado na cadeira desse jeito, o corpo largado, o queixo apoiado nos nós dos dedos. Para o azar dele, a cobertura de rum cremosa e quentinha no meu bolo me atrai muito mais sexualmente.

Suspiro e olho por cima do ombro dele para o bar, tentando chamar a atenção da pobre garçonete. Trocamos olhares compadecidos mais cedo, quando ele passou tempo demais encarando o decote da blusa dela. Tenho quase certeza de que foi por isso que ela me trouxe essa fatia de bolo alcoólico de maracujá, já que eu não havia pedido.

Procuro mudar de assunto.

— Você disse que trabalha em Ellicott City?

Ele concorda, enfiando outro pedaço de bife na boca que só fala besteira. Mastiga com a boca aberta e não se preocupa em engolir antes de responder, pedacinhos de comida voam enquanto fala. Queria uma proteção de acrílico entre nós. Uma parede de três metros.

— Isso. Os escritórios de advocacia do meu pai ficam lá.

— E você trabalha com ele?

— Foi o que acabei de falar, não foi?

Certo, então. Caímos em mais um silêncio desconfortável. Ele espeta o garfo no bife, e eu arrasto a ponta do meu em uma grossa camada de chantili. Ele me disse que era dono de um escritório de advocacia, que cuidava de trabalhos voluntários na região ali perto de Nova York. Alguma coisa assim, eu acho. Suspiro e corto outro pedacinho de bolo.

— E você é de onde? — pergunta ele.

Das profundezas do inferno. Enviada para destruir homens que mentem na internet e são grosseiros com quem trabalha com atendimento.

— Annapolis. — É a resposta que dou. Estou tentada a me levantar, passar por todas as mesas e pular no mar. Parece infinitamente melhor do que ficar mais um segundo sequer com Bryce.

É o meu terceiro encontro do mês, e estou cansada. Cansada de homens que se acham o máximo, de mente pequena e que, no geral, só sabem me decepcionar. Que pecado eu cometi para ser amaldiçoada com um encontro ruim após o outro? Eu pago meus impostos. Não deixo baldes de pipoca embaixo do assento no cinema. Obedeço a todas as leis de trânsito e ajudo aquela instituição de caridade de cabras com três pernas da qual Beckett não consegue parar de falar.

Por que não consigo encontrar um único ser humano com quem eu seja capaz de me conectar? Meus padrões não são tão altos assim. Quero alguém que me faça rir. Que se importe com o que eu faço, digo e penso. Quero me sentar no sofá com alguém em um silêncio feliz, perfeito e confortável — pizza na mesa de centro e meus pés enfiados embaixo das coxas dele. Quero que alguém me entregue a seção de receitas do jornal enquanto lê as manchetes. Quero compartilhar momentos, por menores, mais bobos e silenciosos que sejam.

Quero alguém que me dê um friozinho na barriga.

Encaro Bryce, que mentiu em tudo, menos no nome, e o observo usar a unha do dedão para tirar algo dos dentes.

Talvez esse alguém não exista.

— Você fez faculdade?

Não há curiosidade em sua pergunta, apenas uma satisfação presunçosa e uma condescendência insensível. Uma insegurança familiar surge no fundo da minha mente, junto com um aperto no estômago.

— Estudei em Salisbury.

Ele ri como se eu tivesse contado uma piada, então se estica por cima da mesa para pegar um pedaço do meu bolo. Não bato na mão dele, mas é por pouco. Para mim, a sobremesa é *sagrada*.

— Ah, a faculdade festeira. Faz sentido.

Eu cerro os dentes com tanta força que fico surpresa por meus molares não se quebrarem ao meio.

— O que faz sentido?

— Confeiteiras não precisam fazer uma faculdade de verdade, não é? Não importa onde você estudou ou o quê. Você poderia se formar na faculdade dos palhaços e ainda conseguiria fazer seus docinhos o dia todo.

Faculdade dos palhaços.

Docinhos.

Meu Deus.

Levo alguns segundos para me recompor. Quando respondo, minha voz sai baixinha, a fúria temperada com exaustão. Estou tão *cansada*.

— Eu me formei com honras e um diploma duplo de matemática e engenharia.

— Não que isso seja importante. — Sou confeiteira e proprietária de um pequeno negócio, e aposto que ganho mais em uma hora do que você em um dia todo.

Ele ri, irônico.

Apoio o garfo na mesa. Esta noite acabou de disparar para o topo da minha lista de Piores Encontros do Mundo, e a competição é das grandes. Não consigo acreditar que coloquei meu vestido verde para isso. Que desperdício.

— Acho melhor pedir a conta.

Ele ergue as duas mãos em sinal de rendição, os olhos arregalados.

— Ei, não precisa ser tão sensível. Não quis ofender.

Eu o ignoro e coloco outro pedaço de coco na boca. Esta cobertura de rum com certeza é de outro mundo. Talvez, depois que encerrarmos aqui, eu vá até a cozinha e convença o chef a me dar a receita. Aposto que a companhia dele é melhor que a do idiota do Bryce.

Ele não faz menção de pedir a conta, como solicitei. Puxo o guardanapo do meu

colo e o jogo na mesa.

— Tudo bem. Eu vou até o bar pagar.

Ele revira os olhos.

— Eu já estava indo. Não precisa ser grossa.

Que ótimo. A grossa sou eu. Certo.

Empurro a cadeira para trás e vou em direção ao bar. Não costumo ir tão longe para encontros, mas Bryce insistiu em experimentar um novo bar com tema polinésio bem na costa. Fica na beira do mar. Lâmpadas penduradas em cordas baixas. Algumas fogueiras queimando em enormes fossos redondos. A maré subindo por trás de garrafas empilhadas em velhos barris de vinho. Os bartenders andando de um lado para o outro atrás de um pequeno barco a remo que foi virado de cabeça para baixo e convertido em banco.

Seria um lugar romântico se meu par não fosse um babaca completo.

Nossa garçonete, Celia, espera atrás do balcão, a boca apertada em uma linha fina, olhos gentis e cheios de compreensão. Ela me entrega a conta antes que eu peça.

— A sobremesa ajudou, pelo menos? — pergunta.

Dou uma risada e abro o porta-conta.

— Foi a melhor parte da noite — digo enquanto pago a conta, querendo acabar logo com mais um encontro tenebroso.

— Posso trazer mais uma fatia — oferece. Quando balanço a cabeça, ela faz um breve som contemplativo. — Eu não ia dizer nada, mas aquele cara é um idiota. Você consegue alguém melhor.

— Você não está errada. — O problema é que não vi nada melhor em nenhum dos sites de namoro que me cobram mensalidades absurdas. Bryce corresponde ao esperado. — Alguma ideia de onde procurar?

Ela olha por cima do meu ombro enquanto tira um pano verde do bolso de trás para polir um dos copos. Sua expressão é de quem gosta muito do que vê, deslumbrada, e ela aponta com a cabeça para atrás de mim.

— Aqui parece um bom lugar pra começar.

## ⇨ 2 ⇩

### LAYLA

TERMINO DE PAGAR a conta e olho para onde Celia indicou. Vejo um homem que se move tranquilamente entre as mesas abarrotadas e agrupadas na areia. Não é o cara que veio comigo. Claro que não. Bryce é tão inesquecível quanto papel de chiclete amassado e perdido no fundo da bolsa.

Não, o homem que vem na nossa direção é alto. Deve ter, facilmente, mais de um metro e oitenta. A pele marrom linda e radiante. Não consigo ver seu rosto porque ele está olhando por cima do ombro, para o grupo do qual acabou de sair, gritando algo com uma risada. Ele veste uma camisa havaiana colorida, que deveria ser ridícula, mas, com os três botões de cima abertos, só consigo me concentrar em suas clavículas e nas mangas apertadas na curva dos bíceps, que estão esticadas demais, como se a camisa não conseguisse conter toda a força dele.

Olho para os abacaxis dançantes em seu peito largo, distraída. Continuo olhando enquanto ele vem até o bar, bem ao meu lado, e apoia as duas mãos no balcão. Seus antebraços se flexionam, e resisto à vontade de levar minhas mãos ao rosto, admirada.

Por que *antebraços* me deixam assim?

Je-sus.

— Vou querer outra piña colada, por favor. O aniversariante está ficando inquieto.

Celia parece ter vontade de dar mais que uma piña colada para ele. Escondo um sorriso por trás dos dedos e, enfim, olho para o rosto dele. Quase engasgo com a surpresa.

— Caleb?

Caleb Alvarez. O mesmo homem que vejo pelo menos três vezes por semana durante os últimos cinco anos, sem pensar uma única vez em seu peitoral. Ele vai à padaria na fazenda toda segunda, quarta e sexta e faz sempre o mesmo pedido, um

croissant e um café. Só com creme.

Caleb está *aqui*, tão longe da nossa cidadezinha.

Em um bar na beira da praia.

Vestindo uma camisa havaiana quase indecente com esses botões abertos.

Ele inclina a cabeça e arregala os olhos castanhos. Vejo, fascinada, suas pupilas parecerem mais vivas ao me reconhecer, um anel âmbar em volta da íris. Nunca tinha notado a cor dos olhos dele antes. Estou adorando o que estou vendo. O cabelo bagunçado pela brisa do oceano e toda aquela pele marrom-clara à mostra. Um sorriso surge no canto da sua boca, e tenho que engolir em seco três vezes seguidas.

— Layla — diz, uma doce combinação de surpresa e alegria. Ele sempre diz meu nome desse jeito, mas soa diferente aqui, com todo o sal e a areia. Fico com a boca seca.

— E aí, Caleb? — Aponto para um dos abacaxis circundado por flores laranja vibrante no peito dele. Tenho um branco total, minha mente esvaziada pelos três pequenos botões. — Camisa legal.

Já vi Caleb de suéter de gola alta algumas vezes. De calças jeans gastas e botas com cadarços na altura dos tornozelos. De camiseta durante o verão. Eu nunca tive... uma reação parecida... com nada disso.

Ele alisa os botões, um leve rubor surgindo nas bochechas.

— Ah, bom. O Alex insistiu.

Ele aponta com o queixo para as mesas. Sigo seu olhar e vejo Alex Alvarez, nosso livreiro quieto e modesto de cidade pequena, dançando o que me parece uma versão bêbada de salsa com uma linda ruiva, os dois usando camisas havaianas tão assustadoras quanto a de Caleb.

— É tipo uma tradição — explica Caleb.

— Notei.

— Ele adora estampas fortes. E todo mundo no tema.

Acho que faz sentido. Já vi as vitrines que Alex monta. São sempre bem ousadas. No Halloween passado, a cidade fez um abaixo-assinado por causa da interpretação um tanto literal de *The Rocky Horror Picture Show*. Pisco algumas vezes e olho para a camisa de Caleb de novo.

— Deu pra perceber.

— Ele também adora obrigar a família toda a parecer um bando de idiotas em público. — Caleb descansa a mão em volta o copo que Celia desliza para ele e dá um sorriso em agradecimento. Nós duas suspiramos em uníssono.

— Qual a chance, né? — Ele apoia um dos cotovelos no balcão e dá um sorriso que se abre devagar, discreto. *Uau...* tudo bem. Com certeza eu não tinha notado essas covinhas antes também. — Entre todos os bares.

— Pois é — respondo, ainda distraída. Meu cérebro está tentando alinhar essa versão de Caleb com a que eu tinha em mente. Não... não está dando certo.

Tem algum vudu nessa camisa havaiana?

Ele olha discretamente para meu vestido verde, o sorriso se derretendo e ficando mais determinado, mais sincero, o tom rosa fraco das bochechas assumindo uma cor vermelho-rubi.

— Você está linda.

— Obrigada — consigo responder, resistindo à vontade de limpar a garganta. Acho que Bryce não me fez um único elogio a noite toda, além do comentário de que sou mais bonita pessoalmente do que na foto de perfil. Um elogio de centavos.

Eu me arrumei toda hoje. Coloquei um vestido verde-claro de alças finas, com uma fenda lateral que vai até a coxa. Queria estar bonita. Queria me sentir linda, deslumbrante e desejada.

E desperdicei tudo isso com Bryce.

— Você veio com a Stella e o Beckett?

Eu me divirto ao pensar em Beckett, nosso chefe de cultivo, sempre tão mal-humorado, de cara feia, com uma bebida de coco nas mãos. Mas então brinco com a alça do vestido e suspiro alto, olhando para a mesa que abandonei.

— Estou em um encontro. Bom, acho que eu *estava* em um encontro.

Porque não faço ideia de onde Bryce está. A mesa está vazia, e poderia jurar que alguns dos talheres sumiram. Meu prato de sobremesa também.

Babaca.

Caleb parece confuso.

— Com, hum, com você mesma?

— Não. Com um idiota que, pelo jeito, gosta de sair de fininho pra não pagar a conta. — Franzo a testa, pensando no que, sem dúvida, será uma longa e cara viagem de volta para Inglewild com um carro de aplicativo. — Merda. Ele me trouxe até aqui.

— E foi embora? — A expressão de Caleb é ameaçadora. A mandíbula está cerrada, as covinhas desaparecendo tão depressa quanto surgiram.

— acredite — confesso —, foi melhor assim.

Não consigo me imaginar sentada no carro de Bryce durante os trinta e cinco

minutos de viagem até Inglewild, encarando o bonequinho de hamster no painel cheia de ódio. É bem provável que ele colocasse Ace of Base para ouvir. Ou pior, Nickelback.

— Ele não deveria ter abandonado você aqui. — É tudo o que Caleb diz, ainda encarando a mesa vazia com o olhar distante. Ele parece prestes a correr até o estacionamento como um justiceiro em busca de vingança. Sinto uma satisfação estranha ao imaginar isso.

— Tudo bem. Posso pedir um Uber pra voltar pra casa. — Eu me viro e vejo Celia ainda atrás do balcão, o olhar alternando de Caleb para mim. — Acho que vou querer aquele pedaço extra de bolo pra viagem, então.

— Espere. — Caleb segura meu cotovelo com seus dedos longos e aperta de leve uma vez. Seu toque é gentil, a mão quente. — Eu levo você de volta.

— Não, não. Não precisa. — Olho para o outro lado do bar, onde Alex é jogado de um lado para o outro pela parceira de dança, os dois rindo tanto que mal conseguem ficar em pé. A mesa está cercada por uma série de pessoas em camisas havaianas combinando. Toda a família Alvarez, enfim percebo. O tio deles, Benjamín, está com a camisa amarrada na cintura em uma versão um tanto estranha de um cropped. Sorrio. — Você não pode ir embora. É o aniversário do seu irmão.

Estreito os olhos, reparando em um rapaz de cabelo escuro com um sutiã de coco na ponta do pequeno grupo. É um pouco mais alto que os outros.

— Aquele é o Charlie?

Caleb nem se preocupa em seguir meu olhar.

— Ele mesmo.

Observo o meio-irmão de Stella bambear, uma bebida em cada mão.

— Ele veio dirigindo de Nova York?

— Você sabe como o Charlie é. Nunca diz não pra uma festa. — Caleb continua segurando meu braço, os olhos focados em mim. — O Alex não vai se lembrar de nada que tenha acontecido na última hora. É sério. Deixe que eu levo você pra casa.

— Mas e a bebida dele?

— Vou lá entregar e podemos ir.

— Como ele vai voltar pra casa?

— Alugamos um ônibus temático. — Claro que alugaram. Caleb me dá outro olhar tímido, o vermelho do rosto ficando ainda mais intenso. — Ele ama temas tropicais — murmura.

Aperto os lábios para disfarçar o sorriso.

— Vamos roubar o ônibus, então?

— O quê? Não. — Ele parece assustado. — Eu vim de carro.

— É brega demais pra você?

Um sorriso surge em seus lábios.

— Acho que pra todo mundo, pelo menos um pouquinho.

— Menos para o Alex.

— Menos para o Alex, é claro.

O sorriso discreto se amplia de repente, tão radiante e lindo que preciso me lembrar de respirar. As covinhas das bochechas ganham vida nova, e fico feliz por Caleb ainda estar com a mão em meu braço. Seu polegar alisa uma vez a parte interna do meu cotovelo, um toque desprezioso e casual. Caleb inclina a cabeça para a frente e uma mecha do cabelo escuro cai sobre a testa. Algum canto distante da minha mente ainda sussurra: *Mas o que é que está acontecendo?*

Quando foi que Caleb Alvarez ficou tão gato?

— Se você tem certeza — murmuro, por fim.

Eu não tenho certeza. Acho que nunca tive tão pouca certeza em toda a vida. Que segredo Caleb vai revelar a seguir? Que ele sabe tocar gaita? Que tem um bonequinho esquisito cabeçudo no painel do carro? Que é um baita de um gostoso, mas péssimo motorista? Meu Deus, será que ele dirige em *silêncio*? Ele odeia música? Não faço ideia. Mas estou pronta para a viagem agora mesmo, impressionada o suficiente com um conjunto de bíceps fortes e uma camisa estampada.

— Tenho certeza — responde decidido enquanto solta meu braço e pega a bebida frutada à sua frente. Observo com interesse a camisa dele se retesando sobre o peito. Sinto como se estivesse em uma dimensão alternativa, em que o cara legal e desprezioso que entra na minha padaria com uma precisão quase militar é, de repente, uma visão dos sonhos vestindo uma camisa havaiana. — Só me dê um segundo para falar com o Alex e podemos ir.

Caleb se afasta, passando pelas mesas, de alguma forma conseguindo não parecer ridículo. Eu não tiro os olhos enquanto ele segue.

Todas as outras mulheres no bar fazem o mesmo. Alguns homens também.

Celia assobia baixo. Droga, eu nem tinha me dado conta de que ela ainda estava ali.

— Você arrumou um rapidinho.

Coço a sobrancelha uma vez e observo enquanto Caleb tenta tirar Alex da

coreografia improvisada de salsa. Alex faz uma manobra evasiva enquanto Charlie bate os próprios punhos agressivamente.

— Nós moramos na mesma cidade. Eu o conheço.

— Também queria conhecer — murmura Celia.

Eu me viro para ela com as sobrancelhas erguidas.

— Não precisa se segurar por minha causa.

Ela balança a mão.

— Não. Eu senti um clima.

— Não existe clima nenhum. Ele só é um cara legal.

O mais legal. Costumo vê-lo ajudar velhinhas a atravessarem a rua. Ele se oferece como voluntário todos os anos para o Dia de Cavar na fazenda, quando os moradores da cidade nos ajudam a preparar os campos para a nova estação. Na maioria das vezes, não sei dizer se, de fato, ele gosta dos croissants de manteiga que pede religiosamente ou se quer só apoiar um negócio local. Stella disse uma vez que ele era cronicamente gentil. É meigo e engraçado, e nunca está ocupado demais para ajudar a colocar sete sacos de açúcar de vinte e cinco quilos no meu carro.

Dane, o xerife da cidade, o demitiu do cargo de delegado há quatro meses por ele ser *legal demais*. Pelo que ouvi, Caleb aceitou muitos pagamentos de multa de trânsito na forma de notas promissórias escritas no verso de recibos antigos. Ouvi de Matty, na pizzaria, que algumas delas foram bastante explícitas.

Desde então, ele tem trabalhado como professor substituto na escola.

Observo enquanto Alex tenta fazer um passo de dança com o irmão mais velho. Todas as pessoas reunidas ao redor da mesa comemoram. Eu sorrio.

— Tipo, um cara muito legal.

— Claro, claro. — Celia põe de lado o copo que está polindo há quase quinze minutos. Pega outro. — Vou colocar dois pedaços pra viagem.

Caleb enfim consegue fazer com que Alex fique parado. Eu o observo dizer alguma coisa no ouvido de Alex que o faz ficar animado, então ele tenta subir na mesa de novo, a mão protegendo os olhos, apesar de o sol ter se posto horas atrás. Ele me vê perto do bar.

Então grita a plenos pulmões.

— Laylaaaaaa!

Caleb parece prestes a morrer de vergonha.

Vou até a mesa antes que ele resolva se lançar com tudo em cima do balcão do bar. Assim que estou perto o suficiente, ele dá um salto espetacular do topo da

mesa e pousa em algum lugar perto dos meus pés. Envolve minhas pernas com os braços.

— Laylaaaaa! — diz, cantando as sílabas do meu nome em sua melhor imitação de Eric Clapton. — Você veio à minha festa de aniversário!

Tento levantá-lo segurando-o pelos braços, mas somos impedidos pela parede de músculos de um metro e noventa que nos abraça de repente. Charlie cheira a uma prateleira inteira de bebida, seu rosto grande e ridículo pressionado em meu ombro.

— Layla. — Ele parece prestes a chorar. — É tão bom ver você.

Levo a mão à testa dele e o empurro para longe de mim.

— A gente se viu no fim de semana passado, bobo.

Stella e o namorado, Luka, fizeram um jantar na casa deles, e tive o prazer de ver meus melhores amigos e seus entes queridos bajularem um ao outro. Charlie se retirou depois de quinze minutos, alegando dor de estômago, e terminei a noite com o melhor encontro que tive em meses: uma bela garrafa de sauvignon blanc e um prato de cookies recheados com pasta de amendoim que eu mesma fiz.

— Mesmo assim — diz Charlie, a voz arrastada. Ele se afasta, os grandes olhos azuis arregalados. Está usando um sutiã de coco e uma flor atrás da orelha. Está ridículo. — Quer tomar um shot?

Alex dá aquele grito estridente mais uma vez. Coros de “shot, shot, shot” surgem no grupo dos Alvarez. Sinto duas mãos fortes em meus ombros, me guiando com delicadeza para longe dos bêbados carinhosos pendurados em mim.

— Acho que não foi uma boa ideia vir se despedir — murmura Caleb. Um de seus tios tenta entregar um copo de shot para ele. Caleb faz uma careta e balança a cabeça, depois olha por cima de mim. — Meu Deus. Acho que o Charlie está convencendo as pessoas a tomarem shots no corpo dele.

Eu não quero nem olhar.

— Vou acreditar em você.

— Certo. Hora de ir.

Ele estende a mão para mim, com a palma para cima.

Entrelaço meus dedos nos dele e vamos embora juntos.

## LAYLA

POR SORTE, CALEB não tem nenhum bonequinho cabeçudo estranho no painel do carro.

Só um dos aromatizantes de pinheiro com o logotipo da Lovelight que Stella começou a vender na fazenda há alguns meses. Um jornal velho enfiado entre a marcha e o banco do motorista. Uma caixa da minha padaria que ele tenta esconder assim que entro no jipe.

Não paro de olhar para ele enquanto se acomoda no banco do motorista, ajustando as saídas de ar para que soprem nas minhas pernas, e não no meu rosto. Ele verifica o retrovisor e os espelhos laterais e eu sorrio. É claro que Caleb verifica os espelhos sempre que entra no carro. Aposto que ele também sabe a pressão dos pneus.

Estreito os olhos e o observo, me sentindo inquieta.

— Você cortou o cabelo?

Ele passa os dedos pelos fios, constrangido.

— Não.

— Você cresceu, talvez? Ficou mais alto?

Ele ri.

— Não cresci nem um centímetro desde que fiz dezoito anos. — Ele estreita os olhos de volta para mim. — Por quê?

— Fez plástica no nariz?

Ele parece ofendido.

— Não.

— Cirurgia de substituição de quadril?

Ele ri ao ouvir isso.

— Não. O que deu em você?

— É que você parece... diferente, só isso. — *Mais gato*, meu cérebro grita para

mim. Nota dez na escala de gostosura. Juro pelas minhas baguetes de manteiga e geleia que eu nunca tinha reparado no Caleb... assim... antes. Posso ter feito alguma observação passageira, talvez. *Ah, ele é uma gracinha*, como quem não quer nada.

Mas agora... não acho que ele é uma gracinha.

É um baita de um gostoso.

Estou impressionada.

Eu me recosto no banco e observo enquanto Caleb continua fazendo ajustes no carro como se estivesse prestes a nos lançar ao espaço.

É a camisa havaiana.

Só pode ser.

— Estou surpresa — digo.

Ele me dá um olhar hesitante de soslaio, certificando-se de que já estou com o cinto de segurança afivelado antes de sairmos do estacionamento. Acho que se arrependeu de ter me oferecido carona de volta para casa.

— Com o quê?

— Que você não queira voltar no ônibus.

Ele dá outra gargalhada. Os sorrisos de Caleb são frequentes, mas suas risadas são raras, e me pego afundando no banco ao ouvi-las. Sua risada é agradável. Calorosa.

— Não. As luzes me dão dor de cabeça. Além disso, saí tarde da escola hoje. Perdi o ônibus.

Há uma ironia em alguma parte dessa afirmação.

— Como está indo? Isso de dar aula.

— É bom. Diferente. Estou aprendendo. Tenho sorte de a Katie Metzler ter decidido fazer uma viagem para se redescobrir em Florida Keys.

Uma escolha estranha para uma viagem de autodescoberta, mas tudo bem.

— A escola estava desesperada atrás de um professor de espanhol para o verão e fez vista grossa para o fato de eu não ter qualificação. Estou tirando o certificado enquanto trabalho. Quero me tornar parte do corpo docente em tempo integral no início do próximo ano letivo. Não poderia ter sido em um momento melhor, considerando as circunstâncias.

— Você ficou chateado com o que aconteceu na delegacia?

— Quando o Dane me demitiu? — Ele dá risada. — Não, de jeito nenhum. Já estava na hora. A gente sabia que ser delegado não era mais uma boa opção pra mim. Ele só me demitiu pra eu receber a indenização. — Caleb me olha rápido. —

Talvez eu devesse ter ficado chateado, mas não sei. Fiquei aliviado, na verdade. Acho que posso ajudar mais pessoas como professor. Mais crianças, pelo menos.

Sobretudo em nossa pequena cidade, onde Caleb passou mais tempo impedindo que a sra. Beatrice usasse o carro como aríete do lado de fora de sua cafeteria do que evitando qualquer tipo de crime grave. Tenho certeza de que Dane consegue cuidar disso sozinho.

— O Alex vive me dizendo que eu deveria esquecer o certificado e só mostrar às crianças reprises antigas da novela que minha *abuela* sempre fazia a gente assistir. Ela nunca perdia um episódio de *Corazón salvaje*.

Sorriso. Às vezes, eu o vejo pela cidade com a avó. É mais alto que ela, e ela quase sempre está mandando nele, fazendo-o carregar as compras.

— Coração selvagem?

— Isso.

Murmuro, pensativa.

— Não seria má ideia.

— Não sei se a diretoria também acha isso.

Dou risada e olho por cima do ombro para o banco de trás. O carro dele é mais arrumado do que a bagunça de recibos amassados, tigelas velhas e doces vencidos que enchem o meu. O cheiro aqui é de canela, como se ele tivesse uma fornada inteira de biscoitos de gengibre escondida em algum lugar. Seguro a beirada da caixa de guloseimas meio enfiada embaixo do meu banco, com a esperança de encontrar algo doce lá dentro. Esqueci a droga do bolo no bar, distraída por Caleb, que tentava afastar todos os Alvarez como se fossem gatos bêbados.

Arranco a caixa branca de debaixo do banco com um puxão. Sei que estou usando um vestido verde bem apertado, e a fenda provavelmente já deve estar na altura da minha cintura, mas os olhos de Caleb seguem firmes na estrada. Ainda bem.

— Sobrou alguma coisa aqui?

— Você acha que eu consigo me controlar tanto assim?

Olho com indiferença para ele.

— Com certeza.

Toda semana, Caleb vai até a padaria e come um único croissant enquanto encara avidamente a vitrine cheia de donuts cobertos de glacê. Só pode ter nervos de aço. Ele aperta e relaxa as mãos no volante, e eu estremeço no banco. Meu olhar sobe dos braços para os ombros dele, a curva do pescoço e a linha firme do maxilar. Ele tira uma das mãos do volante e passa pelo cabelo escuro. Com a noite

caindo à nossa volta, quase parece tinta derramada. Chocolate derretendo no fogão.

Sinceramente. Conheço o Caleb há anos. Como nunca notei o quanto ele é *bonito* antes?

Talvez porque estava perdida em uma motivação quase maníaca para encontrar um parceiro de vida. Ou por causa da série de homens sem graça que permiti que me enganassem ao longo dos últimos anos. Ou talvez pela regra que coloquei para mim mesma de que nunca, sob hipótese alguma, namoraria alguém da cidade. Acho que funcionou como uma venda.

Deve haver umas sete pessoas na cidade toda. Mal consigo imaginar ter que lidar com um encontro que não deu certo em todo lugar que for. Se eu tivesse que ver o Bryce todos os dias esperando na fila da padaria, pedindo meu biscoito favorito, o de farinha de aveia salgada com chocolate branco, acho que morreria. Evaporaria da face da terra.

E provavelmente também seria presa por homicídio.

Caleb limpa a garganta.

— Posso fazer uma pergunta?

— Você me salvou de pagar bem caro em um Uber hoje. Pode não apenas fazer uma pergunta, mas também tomar café de graça a semana inteira na padaria.

Um sorrisinho surge nos cantos da boca dele.

— Você já me dá café de graça.

— Bom, agora você tem o café *e* uma pergunta.

Ele pausa por um segundo.

— Só uma?

— Isso importa?

Ele parece chocado com a minha pergunta.

— É claro que importa.

— E por quê?

— Se só posso fazer uma pergunta, tenho que escolher uma das boas.

— Também acho — concordo com uma risada.

Ele murmura, hesitante, o som grave entre nós. Observo as luzes da rua pintando seu rosto na escuridão. Dourado, prateado e um vermelho bem, bem quente. O sorriso some e seu olhar parece mais incerto. Ele olha para mim e depois volta a olhar para a estrada.

— Por que você foi jantar com um cara desses?

Eu me remexo no assento, incomodada.

— Como assim “um cara desses”?

Ele murmura alguma coisa que não consigo entender.

— Um cara que deixa a conta pra você pagar e rouba os talheres antes de ir embora — responde ele, agora falando mais alto e claro.

Suspiro e pressionno dois dedos na testa.

— Você também reparou nisso?

— Ouvi você contando pra Stella na padaria umas semanas atrás — hesita Caleb — de um cara que passou um rolinho de tirar fiapos em você antes de entrar no carro dele.

Ah, sim. Peter. Ele também me fez colocar aquelas sapatilhas cirúrgicas nos sapatos, mas não contei isso para ninguém. Olho pela janela e ajeito o cabelo atrás das orelhas. Fiz escova hoje e ele está liso e brilhante. Agora, me sinto boba por todo esse esforço.

— Não tenho tido muita sorte nos encontros ultimamente — digo, por fim. É um eufemismo e tanto, mas como eu poderia explicar a desgraça que é a minha vida amorosa?

Peter e Bryce nem foram os piores. Um cara me perguntou se poderíamos pegar a mãe dele depois do almoço e levá-la à lavanderia. Outro levou o melhor amigo e agiu como se eu nem estivesse lá. Eles conversaram sobre ligas de Fantasy Football, escalando times imaginários com os jogadores da rodada, por quarenta e nove minutos, e tomaram sete doses de uísque com suco de picles.

Cada um.

— E aquele cara, como era mesmo o nome, Justin?

— Jacob — respondo baixinho.

De todos, esse foi o que mais doeu. Todo o resto eu posso fingir que são só histórias divertidas para entreter meus amigos. Incurções no mundo selvagem e estranho dos encontros. Mas eu estava com Jacob havia meses. Entreguei a ele muitas partes de mim em uma tentativa desesperada de que desse certo. Eu queria tanto que alguém só... ficasse comigo... que eu inventava desculpas, justificava o comportamento de merda dele, e dizia a mim mesma que ele iria melhorar. Que seria menos indeciso. Menos indiferente. Eu dizia a mim mesma que Jacob só precisava de tempo para se ajustar e entrar em um ritmo mais confortável. Só precisava de tempo para *gostar* de mim.

Mas, quanto mais tempo eu passava com ele, mais sentia que estava perdendo aquelas partes de mim que cedia com tanta facilidade. Para ele, nem eu nem o relacionamento éramos prioridades. Estava mais comprometido com o celular do

que comigo.

Eu merecia mais do que aquilo. Eu *mereço* mais do que aquilo.

— O Jacob era um merda — reclama Caleb. O maxilar dele se cerra de novo.

— Era mesmo.

— E o que está acontecendo, então? — Caleb usa o pulso para dar a seta e saímos da estrada, mais próximos de casa. — Esses caras parecem todos...

— Uns idiotas? — sugiro. Babacas? Uma enorme e humilhante perda de tempo?

Ele ri, mas não parece se divertir nem um pouco. É um som quase cortante.

— Sim — concorda. — Todos parecem perfeitos idiotas.

Não respondo nada. Não preciso que me lembrem do desastre que é a minha vida amorosa. Que a única coisa que sempre esperei, em segredo e em silêncio, é um mistério para mim tanto quanto a matéria escura e a vida extraterrestre. Não importa quantos encontros eu tenha, estou tão longe disso agora quanto sempre estive.

Não entendo como algo que é tão fácil para os outros pode ser tão difícil para mim.

— Layla. — Caleb fala meu nome com um suspiro. Quando diz meu nome desse jeito, sinto como se tivesse duas mãos em meus ombros, me sacudindo com gentileza. — Por que você perde tempo com esses caras? Por que se contenta com migalhas quando merece o bolo inteiro?

Sinto um aperto no coração. Uma dor, bem no meio do peito.

— É muito legal pensar desse jeito, mas às vezes tudo o que se tem são migalhas.

Sei que ele não gostou da minha resposta, então me viro para olhar pela janela, observando a paisagem mudar devagar conforme nos aproximamos da costa. Tudo aqui é tão vivo e vibrante, o verão se recusando a acabar. Bichinhos de luz dançam do lado de fora da janela do carro, clarões dourados conforme passamos em alta velocidade.

Espero que ele tente me convencer a desistir dessa triste convicção. Quando Caleb não diz mais nada, quando percebo que está pacientemente esperando que eu continue falando, algo se destrava dentro de mim e as palavras saem em uma torrente.

— Não sei. Acho... acho que estou procurando nos lugares errados. Quero alguém que seja meu. E nem todo mundo é perfeito logo de cara, sabe? Às vezes as pessoas precisam de um pouco de tempo antes de se entenderem. Todos merecem uma chance. — Dou de ombros, me sentindo inocente do pior jeito possível. Quer dizer, Peter saiu do carro com um removedor de fiapos na mão. Não sei dizer

se ele sequer merecia minha atenção. — E com a Stella e o Luka juntos, além do Beckett e da Evie, estou meio que cercada disso. Acho que tenho pensado que ter algumas migalhas é melhor do que nada. — Apoio a testa contra o vidro frio da janela. — Vai ver o meu problema é esse. Talvez seja melhor desistir do bolo de vez, pelo menos por um tempo, até das migalhas.

Caleb está em silêncio, o ruído do carro é o único som. O vento bate nas janelas e vozes murmuram baixinho no rádio.

— Essa analogia ficou estranha — comenta, por fim.

— Ficou mesmo.

A verdade é que eu vi Stella se apaixonar por Luka, um homem por quem ela tinha uma quedinha havia quase dez anos. Depois, vi Beckett se apaixonar, a contragosto, por Evelyn, uma mulher que é seu exato oposto. E depois que Beckett declarou seu amor pelas redes sociais, um verdadeiro choque para todo mundo, talvez até para o próprio Beckett, nossa pequena fazenda de árvores de Natal se tornou um destino para qualquer pessoa que quisesse viver um pouco de romance. Nos últimos três meses, assisti a mais pedidos de casamento, primeiros encontros e casais tão apaixonados que chegavam a dar enjoos do que qualquer pessoa presa em uma rotina de encontros frustrados deveria ter que suportar.

Eu quero isso para mim.

— O... — Caleb começa a falar e depois para, as mãos tensas no volante. — O Jesse não chamou você pra sair alguns meses atrás?

Ergo a sobrancelha e poderia jurar que até a ponta das orelhas dele está corada. *Fofo.*

— Foi na noite de competição de perguntas — murmura. — Tenho quase certeza de que a cidade inteira ouviu quando ele convidou você.

É verdade. Ele praticamente gritou no microfone enquanto eu pegava outra caneca de cerveja. Dou de ombros.

— Não namoro ninguém da cidade.

Caleb pisca algumas vezes.

— Ah.

— Com um histórico como o meu, não fico animada com a possibilidade de encontrar os fantasmas de encontros passados a cada vez que for comprar uma alcaçofra na mercearia.

— Isso acontece muito? — O sorriso de Caleb surge devagar. Começa em um dos cantos da boca e vai se espalhando até que seu rosto inteiro esteja iluminado. Não consigo parar de olhar, confusa e cativada. Preciso jogar um balde de água

gelada na minha cabeça. — Você precisar de alcachofras?

— Você ficaria surpreso.

— Tenho certeza de que ficaria.

Voltamos a ficar em silêncio, com o barulho constante da estrada sob nós e o zumbido de algo lento e suave no rádio. Começo a sentir a exaustão se instalar em meu corpo e curvo os ombros para a frente. Estou muito, muito cansada. Cansada de fazer a mesma coisa várias vezes e não receber nada em troca. Caleb está certo. Estou me contentando com migalhas.

— Acho que já deu — declaro. Esses encontros não estão me levando a lugar algum. Apenas me deixando mais e mais insensível a cada fracasso. Não entendo por que encontrar alguém é tão difícil para mim. — Nada de bolo. Nem cupcakes nem mesmo... rocamboles. A gata aqui vai entrar em uma dieta low-carb.

Caleb não comenta sobre minha determinação de estender a analogia que ele fez. Ele apenas apoia o cotovelo na janela e esfrega os nós dos dedos no queixo.

— Se isso faz você se sentir melhor — declara —, eu também não tenho tido muita sorte com encontros.

Não consigo evitar. Bufo. Caleb, com esse cabelo, rosto, as covinhas e os ombros. Qualquer uma das mulheres no bar hoje à noite teria jantado com ele feliz da vida. Aposto que, quando ele abrir o botão dessa camisa havaiana ridícula em casa, vão cair números de telefones que nem confetes.

— Acho difícil de acreditar.

— O quê? Por quê? — Ele é o retrato da mais pura confusão.

— Olhe pra você.

— Olhar pra mim?

Faço um gesto amplo com os braços para indicar todo o corpo dele, como uma daquelas moças bonitas nas feiras de automóveis. Sinto que deveria estar segurando um número de papelão sobre a cabeça. Nota dez em todas as categorias.

— Olhe pra você.

Um sorriso confuso faz a boca dele se retorcer. Ele limpa a garganta.

— Quando foi a última vez que você me viu com alguém na cidade?

— Além do Alex?

— Aham, além do meu irmão.

Costumo vê-lo com a avó, tão pequenina. Com a mãe e o pai também, na feira dos agricultores aos domingos. Uma frota inteira de primos que parecem estar sempre brigando, com Caleb caminhando na frente do grupo, tentando manter

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um namoro de mentirinha" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).